

A matéria é longa e controversa. O que deixamos dito, basta para um julgamento sereno da obra do sábio de Munique. Embora não isenta de crítica, a sua doutrina foi a que mais profundamente revolveu o terreno lingüístico, numa época em que não faltaram grandes nomes de estudiosos e desbravadores, como Gilliéron, Meillet ou Trubetzkoy. Os impropérios que ouviu no início de sua campanha e os ecos dos mesmos que atualmente, entre nós, só querem, em vão, prolongar, ao invés de escurecer-lhe o mérito peregrino, vincam-lhe melhor a personalidade de homem de luta e privilegiada visão.

(15/06/1949)

\*

### Palavras do Natal

O Ano Litúrgico da Igreja Católica se inicia com o “Ciclo de Natal”, que se compõe de duas partes: o *tempo do Advento* e o *tempo do Natal*. A festa do Natal é o ponto culminante do ciclo e, portanto, o ponto de interseção dos dois tempos.

*Advento* é palavra latina que significa “chegada”. Vem do verbo *venire* precedido do prefixo *ad*, que exprime “direção para, aproximação”. É o próprio Deus que vai chegar ao mundo e, por isso, o povo se prepara para recebê-lo, purificando-se, praticando penitência, jejuando, adornando o espírito e não o corpo, para o momento da transcendental recepção.

A palavra “natal” também é de origem latina. Prende-se ao radical do verbo depoente *nascor*, que significa “nascer”. Trata-se de um adjetivo: “natalis”, muito usado na expressão “dies natalis”, dia do nascimento. Depois o adjetivo se substantivou e passou a assumir sozinho o significado da expressão inteira. Com tal valor já encontramos o antigo adjetivo num sermão de Santo Agostinho: “natalem domini hesterna die celebravimus”.

A palavra que propriamente denota o dia natalício é o substantivo “natividade” que também pode empregar-se para o dia do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas normalmente se usa para designar a festa com que celebramos a vinda ao mundo da Mãe Santíssima de Jesus: *Natividade de Nossa Senhora*, comemorada no dia 8 de setembro.

Muito ligada ao Natal é a festa de *Epifania*, que se celebra no dia 6 de janeiro, popularmente conhecido como “Dia de Reis”.

A palavra “epifania” é de origem grega e, hoje, na liturgia da Igreja, significa “a aparição ou manifestação do menino-Deus ao mundo”. O fato local, que se passou anonimamente na pequena gruta de Betlém, toma as dimensões

do universo. Cristo não é mais um cidadão de modesta aldeia judaica, mas se converte no que realmente é: o Redentor do Mundo.

Mas, nos começos da vida da Igreja, as coisas não estavam assim tão claras. Houve na verdade duas correntes: uma ocidental e outra oriental. A festa do Natal é, na origem, uma comemoração surgida no Ocidente, mais particularmente em Roma e no norte da África. O próprio nome, *natalis*, mostra esse caráter latino-ocidental. A festa da Epifania, ao contrário, teve berço no Oriente, e significava simplesmente “a manifestação da Divindade”. Nela se comemoravam os *tria miracula*: adoração dos Magos, o batismo do Senhor e a transformação da água em vinho nas bodas de Caná. A junção das duas festividades no mesmo Ciclo do Natal, permitiu à Igreja emprestar-lhe o profundo sentido religioso que hoje possui.

*Epifania* quer dizer, portanto, “aparição, manifestação”. A princípio os tradutores latinos hesitaram quanto ao termo por que deviam transpor o nome grego. Encontramos, por exemplo, *inluminatio*, *mustratio*, *ostensio*, *evidentia*, *manifestio*, *visio*, *praesentia Dei*. Mas acabam por predominar *apparitio* ou *manifestatio*.

Todo esse intrincado problema da palavra e suas implicações religiosas foi estudado, com a competência e profundidade de sempre, por Cristina Mohrmann, em artigo intitulado *Epifania*, que se pode ler em seus excelentes *Estudos sobre o Latim dos Cristãos*, publicados em Roma, em 1958.

A Epifania transporta para o plano sobrenatural o sentido da apresentação de Jesus aos ditos reis magos. No Evangelho que escreveu, diz-nos São Mateus que “nos dias do rei Herodes eis que do Oriente vieram uns Magos a Jerusalém”.

Que “Magos” eram esses?

A palavra *mago* é de origem persa. Constituíam os magos entre os medopersas uma casta sacerdotal muito respeitada, que se dedicava principalmente à adivinhação, à astrologia e à medicina. O termo, sob a forma grega *mágos*, já se encontra em Heródoto. O sentido da palavra foi, aos poucos, evoluindo para o de *feiticeiro*. “São Mateus”, comenta L. Pirot, “tem a palavra por título honorífico e tais personagens como estrangeiros importantes”. Os magos eram, portanto, sábios para a época, mas nada nos autoriza a considerá-los reis, como está na tradição do povo. São Mateus diz apenas *magos* e não *reis magos*.

Também nada nos diz o evangelista sobre o número desses personagens. Aceita-se que sejam três, por causa do número dos presentes que trouxeram: ouro, incenso e mirra. Cada um teria trazido um desses presentes. Mas há outras razões para determinar tal número: as de natureza mística, por exemplo. Os sírios e os armênios contavam até doze. Logo os magos não eram reis, nem, provavelmente se limitavam a três.

Os nomes por que são conhecidos também variam. O venerável Beda os chama Gaspar, Melquior e Baltazar, e assim ficaram conhecidos no Ocidente.

Trouxeram como já se disse, ouro, incenso e mirra. O simbolismo dessas dádivas não é rígido. São Jerônimo, informa-nos ainda Pirot, já citava os versos de Juvenco, cujo simbolismo impregnou a piedade dos fiéis: o incenso desinava-se ao Deus, o ouro ao Rei e a mirra ao Homem. Ou, no texto latino:

Auro rex agnoscitur  
Homo myrrha colitur,  
Thure Deus gentium.

Entre os dias 25 de dezembro (Natal) e 6 de janeiro (Epifania) a Igreja coloca outra data santificada: o 1.º de janeiro.

Nas comemorações profanas, o 1.º de janeiro, por ser a data com que se inicia o ano civil, é festejado como o “Dia da Fraternidade Universal”. Mas, liturgicamente, é dia santo de guarda dedicado à “Circuncisão do Senhor”.

A circuncisão é um hábito judaico a que se submetem as crianças do sexo masculino, completados oito dias após o nascimento, segundo nos diz o evangelista São Lucas. Consiste num corte no prepúcio do recém-nascido.

A palavra “circuncisão” também é de origem latina. Contém o radical do verbo caedere, que significa “cortar”, o qual aparece ainda em *incisão* (e *precisão, concisão, decisão...*) e *censura*, por exemplo. O prefixo é *circum*, latino, que significa “em volta de”. Logo *circuncidar* quer dizer “cortar em volta de”.

A Igreja relembra respeitosamente o primeiro sangue derramado por Cristo, gotas daquele mesmo sangue sagrado que iria redimir o Mundo.

No citado Evangelho, acrescenta São Lucas que “puseram-lhe o nome de Jesus, como lhe havia chamado o Anjo, antes que fosse concebido no seio materno”.

O nome do Senhor não foi, portanto, como se dá normalmente entre os homens, resultado da livre escolha dos pais, mas uma imposição dos Céus.

*Jesus* é palavra de origem hebraica e significa “Iavé é a salvação”. Mais suscintamente é o “Salvador”. A palavra em hebraico não tem “s” final, o qual representa uma desinência de nominativo grego. Em latim encontramos *Iesus*, mais comum, ou *Iesu*. Nos clássicos portugueses também ocorre a forma *Jesu*.

Quanto a *Cristo*, ensina Nascentes no segundo volume do seu *Dicionário Etmológico*, é o nome pelo qual a Versão dos Setenta traduziu o hebraico *machiyahh*, palavra a que corresponde a forma grega *Messias*, que usamos assim mesmo em nossa língua. *Cristo* significa propriamente “o Ungido”, isto

é, ungido pelo Senhor. Por ser um especificativo e não um sobrenome, Cristo pode ser precedido do artigo definido. Já ensinava João Ribeiro: “Dizemos *Jesus* e não *o Jesus*; poderemos, todavia, dizer *Cristo*, ou o *Cristo Jesus*. A palavra Cristo é um adjetivo e significa *o ungido*”.

Também recebeu o menino-Deus o nome hebraico de *Emanuel*, que se vulgarizou sob a forma de *Manuel*. O nome *Emanuel*, esclarece o dr. Henrique Fontes, em suas *Digressões Antroponímicas*, vem do hebraico *Immânu-El*, que quer dizer “Deus conosco”, nome que fora anunciado pelo profeta Isaías. Também se lê em Mateus, I, 23: “Ecce virgo in utero habebit et pariet filium, et vocabunt nomen eius Emmanuel, quod est interpretatum nobiscum Dei”.

Acrescente-se, para finalizar, que o grande poeta português Bocage, cujo prenome era *Manuel*, então grafado *Manoel*, fez com a palavra o anagrama *Elmano* (*Elmano Sadino* era o seu nome arcaico) que foi bem aceito pela gente de língua portuguesa. Hoje em dia, além dos vários *Emanuéis* e numerosos *Manuéis*, ainda existem alguns *Elmanos*, o que vem aumentar a progênie dos que desejam estar com Deus.

Ainda bem.

Especial para o SL do “DN”  
(22/12/1963)

\*

### Nosso contemporâneo Luís de Camões

A passagem, em 1972, do quarto centenário da publicação da maior epopéia em língua portuguesa e uma das primeiras em todo o mundo ensejou numerosas comemorações, não só nas duas pátrias da mesma língua, ou seja, Portugal e Brasil, mas em qualquer lugar onde os valores da cultura humanística não entraram em processo de esvaziamento.

Iniciativas das mais louváveis foi a que procurou reviver a leitura do texto de *Os Lusíadas*, através de edições categorizadas que, mantendo-se fiéis ao texto original, contivessem ainda contribuições capazes de revitalizar a narrativa, tornando-a acessível, em seu sentido geral e pormenores, ao leitor moderno. Dentro dessa linha programática, vieram a lume, em Portugal e no Brasil, três edições, das quais queremos dar notícia neste artigo.

A primeira foi publicada pelo Departamento de Assuntos Culturais do nosso Ministério da Educação e Cultura. Foi obra da Comissão Brasileira desig-